

**QUANDO A VIDA É INSANA DEMAIS PARA SE TORNAR
FICÇÃO: ALMAS EM PROCESSAMENTO – UMA RESENHA DE
ASSOMBRO, DE PALAHNIUK**

Mayke Suênio Soares MATIAS¹

Licenciado em Letras
IFSP/Câmpus São Paulo

– Seguimos cometendo os mesmos erros que cometíamos quando éramos homens das cavernas – diz o Sr. Whittier. (...)
Considere a Terra uma grande usina de processamento, uma fábrica. Imagine um tambor, um daqueles usados para polir pedras. Um tambor girando, cheio de água e areia. Considere que sua alma é jogada lá dentro como uma rocha, matéria-prima ou recurso natural, petróleo bruto, minério. E todo conflito e toda dor são apenas o abrasivo que nos acossa, que pole nossas almas, que nos refina, que nos ensina e nos arremata vida após vida. Depois, considere que foi você quem escolheu saltar ali, repetidamente, sabendo que o sofrimento é o motivo que há para vir à Terra. (...)
[E] ele diz:
– A única alternativa é: somos todos eternamente burros. Lutamos em guerras. Lutamos pela paz. Lutamos contra a fome. Amamos lutar. Lutamos, lutamos e lutamos, com armas, dentes ou dinheiro. E o planeta nunca fica nem um tiquinho melhor do que antes. (...)
[O] Sr. Whittier diz:
– Talvez estejamos vivendo exatamente do jeito que devíamos viver. Talvez nosso planeta-usina esteja processando nossas almas... muito bem.

Assombro, de Chuck Palahniuk

Inspire, pois *Assombro*: um romance de histórias (2016), do estadunidense Chuck Palahniuk (1962-), é uma daquelas obras que causam arrepio medular, náusea, desconforto e desespero. Publicado originalmente em 2005, sob o título *Haunted*², o livro causou certa inquietação no público, mesmo antes do seu lançamento (“inquietação”, pois a leitura de um de seus contos levou a desmaios e abandono do auditório onde o autor realizava a apresentação) – e isso é algo que Palahniuk parece gostar de fazer...

¹ Endereço eletrônico: maykesuenio.s.m@live.com

² A obra chegou às livrarias brasileiras em 2007, pela editora Rocco. Ficou fora de circulação até ser resgatada pela editora LeYa, em 2016, com a mesma tradução atribuída a Érico de Assis.

Conhecido por seu estilo inconfundível, filho de uma cultura letrada minimalista e enxuta, comum a diversos escritores pós-modernos (podemos citar Kurt Vonnegut e David Foster Wallace), Chuck é autor de uma obra abrangente e, digamos, inusitada. Suas temáticas romanescas são vastas, mas sempre referentes ao homem pós-moderno, ou líquido, se optarmos pela vertente baumaniana. Seus romances são sempre sobre “pessoas solitárias que buscam alguma forma de se conectar aos demais” (PALAHNIUK, 2011, p. 9), filhos do parto do mundo burguês, da “evolução” capitalista, de uma América sonhadora – sonho transmutado em pesadelo – pois, “de certo modo, é o oposto do Sonho Americano” (PALAHNIUK, 2011, p. 9), que descrevem o nosso grande mal-estar contemporâneo, nossa tendência individualista: “depois de sofrer bastante, como o narrador em seu condomínio no *Clube da luta*, ou a narradora isolada pelo seu próprio rosto bonito em *Monstros invisíveis*, destruímos nosso adorável ninho e nos obrigamos a voltar para o mundo maior” (PALAHNIUK, 2011, p. 9). E tudo isso trabalhado em cima de sua adorada *Ficção Transgressiva*³, a qual define sua “poética”. Irônico, cínico, satírico, brincalhão, maldoso, boca-suja, inconveniente, despuadorado, imoral, perverso, pervertido etc., são alguns adjetivos altamente elogiosos que podemos utilizar para referirmo-nos ao autor e à sua obra. Ele capta a essência viva do que nós somos, do que nos tornamos. Sua lírica individual, como diz Adorno (2012, p. 77), se movimenta na “corrente subterrânea coletiva” frenética e desenfreadamente. É um autor presente em seu presente, e isso o torna capaz de produzir contos e romances incrivelmente potentes.

Assombro (2016) não foge à regra. Talvez venha a ser um dos melhores romances do autor, por mais que *Clube da luta* (2012), romance que o fez ficar conhecido, seja um dos mais lidos e aclamados. *Assombro*, como o próprio subtítulo diz, é um romance de histórias, uma retomada dos livros em que indivíduos fogem de um contexto de caos, vão a uma espécie de *locus amoenus*, à *Decameron*, para se divertirem e contar histórias. Contudo, aqui não há diversão, não há um local leve e bucólico para que essas histórias se desenvolvam. Os personagens têm outro objetivo com elas: a fama, o sucesso, o dinheiro, o reconhecimento (talvez o que mais é almejado por um autor).

³ Vertente literária, surgida com mais força nos anos 90, que tem como principal premissa violar qualquer preceito moral. É extremamente violento e escatológico. Para Palahniuk, ela vai além disso; a ficção transgressiva é uma forma de denunciar algo sem que o leitor desista de lutar.

Dezoito pessoas respondem a um anúncio inusitado de jornal que promete local e condições longe das preocupações do mundo, como trabalho, contas, filhos, problemas etc., para que possam escrever o que virá a ser a obra de suas vidas, suas *magna opera*:

RETIRO DE ESCRITORES:

ABANDONE SUA VIDA DURANTE TRÊS MESES.

Simplesmente suma. Deixe para trás tudo que impede você de criar sua obra-prima. Seu emprego, sua família e seu lar, todas as obrigações e distrações, deixe tudo em espera por três meses. Viva com gente que pensa como você, num ambiente que dá apoio à imersão total em seu trabalho. Comida e abrigo de graça para aqueles que se qualificarem. Aposte uma fração mínima da sua vida na chance de criar um novo futuro como poeta, romancista ou roteirista profissional. Antes que seja tarde demais, viva a vida com a qual sempre sonhou. Vagas extremamente limitadas (PALAHNIUK, 2016, p. 110).

Mesmo com essa promessa balzaquiana, ao chegarem ao local, não é bem o que encontram.

Era para ser um retiro de escritores. Era para ser seguro.

Uma colônia de autores isolada, onde poderíamos trabalhar sob os cuidados de um velho muito velho e moribundo chamado Whittier, até que não era mais.

E deveríamos escrever poesia. Poesia bonitinha.

Essa turma, os alunos talentosos, três meses trancados longe do mundo comum (PALAHNIUK, 2016, p. 7).

Há na premissa do romance mais uma das brincadeiras intertextuais do autor, dessa vez com o retiro mais famoso da história da literatura: o encontro de cinco amigos na famosa mansão Villa Diodati em um verão chuvoso (trata-se de Lord Byron, John William Polidori, Percy Shelly, Mary – futuramente Shelly – e sua meia-irmã Claire Clairmont⁴). Além dessa referência há outra também, ao Hotel Algonquin⁵, mesmo que de forma irônica:

⁴ Nesse encontro, o grupo, para escapar do tédio, decide ler histórias de terror alemão, até se darem conta de quão horríveis e mal escritas eram essas histórias, quando eles mesmos poderiam criar algo melhor. Dessa reunião nasceu o que viria a ser o “primeiro Drácula”, de Polidori e, nada mais, nada menos, do que o Frankenstein, de Mary Shelly.

⁵ “O Hotel Algonquin foi o local das famosas reuniões da Távola Redonda nos anos 20. Um grupo de escritores, críticos e atores, a Távola Redonda — incluindo nomes como Robert E. Sherwood, Dorothy Parker, George F. Kaufman e Edna Ferber — se encontravam todos os dias para almoçar e debater sobre

Até mesmo a própria festa tinha se tornado uma lenda. Às margens do lago Léman, os hotéis colocaram telescópios nas janelas com vista para o lago, de forma que os hóspedes pudessem assistir ao que todos dizem ter sido uma orgia incestuosa. Turistas da classe média, entediados durante as férias de verão, deixaram seus maiores medos sob o teto de Lord Byron. Eram só alguns jovens tentando viver longe das milhões de regras da nossa cultura, enquanto gente os espionava por telescópios, na expectativa de ver monstros.

Ali, éramos o equivalente moderno do povo de Villa Diodati.

Éramos a versão moderna da Mesa Redonda do hotel Algonquin.

Apenas pessoas contando histórias umas para as outras. Gente procurando uma ideia que pudesse ecoar para sempre. Ecoar em livros, filmes, peças de teatro, músicas, TV, camisetas, dinheiro (PALAHNIUK, 2016, p. 108-109).

Mas nossos personagens, destituídos de nomes, meramente apelidados por algo que remeta a seus horrores – como ficamos sabendo no poema inicial, *Cobaias*: “Nomes que fizemos por merecer, com base em nossas histórias. Os nomes que dávamos uns aos outros, / com base em nossa vida, em vez de em nossas famílias;/ ‘Lady Mendiga’. / ‘Agente Fuxico’. / Nomes baseados em nossos pecados, em vez de em nossos empregos:/ ‘São Sem-Pança’” (PALAHNIUK, 2011, p. 8) – não terão uma estadia agradável para relaxar e contar histórias, e escrever histórias. O ambiente é sim propício (mas não um propício bom, agradável) para que produzam algo, obras de suas vidas, literalmente – e deles sairão histórias extremamente insanas, apresentadas a partir de quebras narrativas entre o enredo principal e um poema-apresentação de cada personagem. O romance é preenchido com aquilo que é marca característica do autor, ou seja, o uso do bizarro, do grotesco e muita escatologia; o conto inicial⁶ já é “prova viva” disso, abre o romance com “o pé no peito”, causando no leitor mais sensível (ou não) uma sensação de desespero sufocante (para brincar com a sensação que o texto causa). São contos que, como nos salienta Medviédev, sobre o reflexo do meio

tudo, desde literatura até política. Eles contribuíam para uma revista chamada *No Sirree!* para dar uma forcinha na carreira hollywoodiana do colega de Távola Redonda Robert Benchley. O grupo foi também o responsável por fundar o *The New Yorker*, que é gratuito para os hóspedes do hotel. O Algonquin também hospedou muitas outras mentes literárias notáveis — como um dos primeiros hotéis a aceitarem mulheres solteiras como hóspedes, o Algonquin hospedou nada menos que Gertrude Stein e Maya Angelou. William Faulkner escreveu seu discurso de agradecimento pelo Prêmio Nobel em 1949 no saguão do hotel”, conforme informações turísticas disponíveis em <<https://br.oyster.com/new-york-city/hotels/roundups/literary-hotels-in-new-york-stay-where-your-favorite-authors-lived-and-wrote>> (acesso em mai. 2018).

⁶ Trata-se de “Tripas” (*Guts*, no original), conhecido como “o conto que causa desmaios”.

ideológico no “conteúdo” de uma obra literária, “refrata[m] à sua maneira a existência socioeconômica em formação” ao mesmo tempo em que, “em seu ‘conteúdo’, reflete[m] e refrata[m] as reflexões e as refrações de outras esferas ideológicas (ética, cognitiva, doutrinas políticas, religião e assim por diante), ou seja, (...) reflete[m], em seu ‘conteúdo’, a totalidade desse horizonte ideológico, do qual ela [a obra] é uma parte” (MEDVIÉDEV, 2016, p. 59-60), e não somente os contos, mas o romance como um todo.

Voltando aos “excêntricos” personagens, não há empatia de nossa parte, ao menos não queremos ter. Eles têm problemas demais, são humanos demais e, apesar dos absurdos, são reais demais. Os heróis do romance fazem parte desse terreno sem deus, como nos diz Georg Lukács (2009, p. 89); a psicologia deles é, de fato, demoníaca: é a alpinista social às avessas, a oprimida que repassa a opressão, o assassino que regula a indústria do mundo da arte, o homem atrofiado pelo moralismo exacerbado e hipócrita de sua família, o repórter sensacionalista destruidor de vidas, o cozinheiro chantagista etc.; essas são algumas das poucas características que se encontram nesses dezoito heróis, que fazem do seu retiro uma experiência de autossabotagem. Regressando ao ambiente, vemos, em um contexto extremamente claustrofóbico, o espírito do meio em que vivem, competitividade, irracionalidade. É a caricatura do que a sociedade do consumo faz das pessoas: tudo está à venda, até elas estão, não há espaço para os *losers*:

Agente Fuxico, ele diz: – Os americanos são os melhores do mundo em trabalhar.

Em estudar e competir.

Mas a gente é horrível quando chega a hora de relaxar.

Não tem lucro. Nem troféu.

Não dão nada nos Jogos Olímpicos para o Atleta Mais Descontraído.

Não tem patrocínio para o Mais Preguiçoso em qualquer coisa (PALAHNIUK, 2016, p. 347).

Vemos que há a todo momento um jogo rotatório de inversão de papéis necessária para que a história forjada por eles possa fazer sucesso e valer a pena no mundo de fora, que chegue à massa e retorne em lucro e fama; não as histórias dos contos⁷, essas são muito íntimas, mas uma história nova, algo criado com base naquilo

⁷ O romance apresenta diversas camadas narrativas: a primeira é a que trata do enredo principal, a segunda são os contos produzidos, mas que não vão, nem devem, ser tornados públicos, e a terceira é uma

que as pessoas gostam de ver, de ler, de assistir, algo que se torne um *best-seller*, um *blockbuster* de sucesso, não importa se tecido em cima de mentiras. Não há erros, “neste mundo líquido e variante, onde todos estão certos e qualquer ideia é certa no momento em que você a coloca em prática, [...] a única certeza é o que você promete” (PALAHNIUK, 2016, p. 82), nem que isso leve a automutilações, assassinato, canibalismo, não há preceitos éticos e morais, tudo vale, até a barbárie.

Chuck Palahniuk é um autor bem ativo em sua produção literária; a cada novo trabalho esperamos algo mais ousado e requintado que o anterior. Quando acreditamos que ele não consiga mais apresentar nada que nos surpreenda ou choque, ele prova que ainda está muito ativo, e que sua criatividade e ousadia continuam inovadoras; irônico e crítico como um Voltaire norte-americano, ousado e escandaloso tal qual um Sade, Palahniuk nos apresenta em *Assombro* (2016) toda a sua potência criativa quando nos oferece suas histórias, como as que lemos neste livro, escandalosas, e seus personagens tão detestáveis (detestáveis porque temos medo de nos identificarmos com eles). Não é só um romance sobre vísceras, bonecas anatomicamente corretas violentadas, ódio a heróis, histeria de morte coletiva e um velho não tão velho; é um romance também metalinguístico, que está a todo momento discutindo questões da e sobre a literatura, sobre o “gênio”, sobre autoria; ao mesmo tempo em que discute sobre a sociedade pós-moderna/líquida, sobre consumo e nossa condição humana em um sistema econômico que nos enterra até o pescoço e nos sufoca, fazendo com que nos tornemos essas criaturas assombrosas que somos.

Referências

ADORNO, Theodor W. Palestra sobre lírica e sociedade. In: **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012. p. 65-89.

LUKÁCS, Georg. As formas da grande épica em sua relação com o caráter fechado ou problemático da cultura como um todo. In: **A teoria do romance**. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009. p. 23-85.

história sobre “todo o horror vivido no retiro artístico”, criada por eles mesmos, para ser vendida como produto às massas.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. Primeira parte: objeto e tarefas dos estudos literários marxistas. In: **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. São Paulo: Contexto, 2016. p. 41-84.

PALAHNIUK, Chuck. **Mais estranho que a ficção**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

PALAHNIUK, Chuck. **Assombro**: um romance de histórias. São Paulo: LeYa, 2016.

REGRASP (ISSN 2526-1045), v. 3, n. 2, maio 2018